

**SEM
VOCÊ NÃO
É VERÃO**

**SEM
VOCÊ NÃO
É VERÃO**

*Jenny
Han*

TRADUÇÃO DE CÁSSIA ZANON



Copyright © 2010 by Jenny Han
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC
e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL
It's Not Summer Without You

EDIÇÃO
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

REVISÃO
Rayssa Galvão
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H197s

Han, Jenny, 1980-
Sem você não é verão / Jenny Han ; tradução Cássia Zanon. - 1.
ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
240 p. ; 21 cm.

Tradução de: It's not summer without you
ISBN 978-85-510-0446-3

1. Ficção americana. I. Zanon, Cássia. II. Título.

18-53468

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

J + S para sempre

1

2 de julho

ERA UM DIA QUENTE DE VERÃO EM COUSINS. EU ESTAVA DEITADA À beira da piscina cobrindo o rosto com uma revista aberta. Minha mãe jogava paciência na varanda, e Susannah andava de um lado para o outro na cozinha — provavelmente não demoraria a sair de lá com um copo de chá gelado e um livro para mim. Alguma história romântica.

Conrad, Jeremiah e Steven tinham passado a manhã toda surfando. Caíra uma tempestade na noite anterior. Conrad e Jeremiah voltaram para casa primeiro, e os ouvi antes de vê-los. Os dois subiram os degraus da varanda às gargalhadas por Steven ter perdido a bermuda depois de ser atingido por uma onda forte. Conrad veio até mim, levantou a revista molhada com o suor do meu rosto e sorriu.

— Tem palavras coladas na sua cara — avisou.

Eu o encarei, estreitando os olhos.

— Quais?

Ele se agachou ao meu lado e disse:

— Não sei ao certo. Deixa eu ver.

E então olhou para o meu rosto muito sério. Ele se inclinou na minha direção e me beijou, com os lábios frios e salgados da água do mar.

— Ei, vocês dois, vão fazer isso em um lugar com mais privacidade — disse Jeremiah, mas eu sabia que ele estava brincando.

Ele deu uma piscadela para mim, se aproximando por trás, levantou Conrad e o atirou na piscina.

Depois se jogou na água também, gritando:

— Vem, Belly!

Claro que entrei com eles. A água estava ótima. Melhor do que ótima. Como sempre, Cousins era o único lugar onde eu realmente queria estar.

— Ei! Ouviu alguma coisa do que acabei de dizer?

Reabri os olhos. Taylor estava estalando os dedos diante do meu rosto.

— Desculpe. O que você estava dizendo?

Eu não estava em Cousins. Conrad e eu não éramos mais um casal, e Susannah já não estava mais entre nós. Nada jamais voltaria a ser como antes. Já fazia — *Quantos dias fazia? Quantos dias exatamente?* — dois meses que Susannah havia morrido, e eu ainda não conseguia acreditar. Não conseguia me fazer acreditar. Quando alguém que amamos morre, não parece real. É como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa. Como se fosse a vida de outra pessoa. Eu nunca fui boa com coisas abstratas. O que significa quando alguém vai embora de verdade, para sempre?

Às vezes, eu fechava os olhos e pensava, sem parar: *não é verdade, não é verdade, isso não é real. Isso não é minha vida.* Mas era minha vida. Era o que minha vida se tornara. Depois de tudo.

Eu estava no quintal da Marcy Yoo. Os garotos se divertiam na piscina, e as garotas estavam enfileiradas deitadas em toalhas de praia. Eu era amiga da Marcy, mas as outras, Katie, Evelyn e mais algumas, eram amigas da Taylor.

Era pouco depois do meio-dia, e já passava dos 30 graus; seria uma tarde quente. Eu estava deitada de barriga para baixo, sentindo o suor se acumulando na parte inferior das minhas costas. Estava começando a ficar com insolação. Era apenas o segundo dia de julho e eu já contava os dias para o verão acabar.

— Eu *perguntei* o que você vai usar na festa do Justin — repetiu Taylor.

Nossas toalhas estavam tão próximas que pareciam uma única toalha imensa.

— Não sei — respondi, virando a cabeça para ficar de frente para ela.

Havia gotículas de suor no nariz de Taylor, onde ela sempre suava primeiro.

— Vou usar aquele vestido novo que comprei com a minha mãe no shopping — comentou.

Fechei os olhos outra vez. Como eu estava com óculos de sol, ela não sabia se meus olhos estavam abertos ou não.

— Qual? — perguntei.

— Aquele de bolinhas que amarra no pescoço. Eu te mostrei há uns dois dias.

Taylor soltou um suspiro impaciente.

— Ah, sim — falei, embora ainda não lembrasse, e sabia que Taylor tinha noção disso.

Comecei a dizer outra coisa, elogiando o vestido, mas de repente senti algo gelar minha nuca. Soltei um gritinho, e lá estava Cory Wheeler, agachado ao meu lado com uma lata de Coca-Cola na mão, se contorcendo de tanto rir.

Eu me sentei e olhei furiosa para ele, passando a mão na nuca. Já estava de saco cheio daquele dia e só queria ir para casa.

— Que droga, Cory!

Ele continuou rindo, o que me deixou ainda mais irritada.

— Cara, como você é imaturo.

— Mas você parecia estar com muito calor — retrucou ele. — Eu só estava tentando ajudar você a se refrescar.

Não respondi nada, apenas continuei com a mão na nuca. Meu maxilar estava tenso, e percebi que todas as outras meninas olhavam para mim. Então, o sorriso de Cory meio que desapareceu, e ele disse:

— Me desculpe. Quer a Coca?

Balancei a cabeça, e ele voltou para a piscina. Então vi Katie e Evelyn fazendo uma expressão tipo *qual é o problema dela?* e fiquei sem graça. Ser agressiva com o Cory era como ser agressiva com um filhote de

pastor-alemão: simplesmente não fazia sentido. Tarde demais. Tentei fazer contato visual com ele, mas Cory não voltou a olhar para mim.

— Foi só uma brincadeira, Belly — murmurou Taylor.

Eu me deitei de novo na toalha, desta vez de barriga para cima. Inspirei fundo e soltei o ar lentamente. A música que saía da caixa de som ligada ao iPod de Marcy estava alta demais e me deixando com dor de cabeça. E eu estava *mesmo* com sede. Devia ter aceitado aquela Coca que o Cory ofereceu.

Taylor se inclinou na minha direção e levantou meus óculos para espiar meus olhos.

— Você está brava?

— Não. É só que está quente demais aqui.

Sequei o suor da testa com o braço.

— Não fique brava. O Cory não consegue deixar de agir feito um idiota perto de você. É que ele gosta de você.

— O Cory não gosta de mim — retruquei, desviando os olhos.

Mas ele meio que gostava de mim, e eu sabia disso. Só queria que não gostasse.

— Bom, pense o que quiser, mas ele gosta muito de você. E ainda acho que você deveria dar uma chance a ele. Para esquecer um pouco você-sabe-quem.

Virei a cabeça para o outro lado, e ela continuou:

— E se eu fizer uma trança do tipo boxeadora no seu cabelo para a festa de hoje à noite? Posso trançar só a parte da frente e prender na lateral, como da última vez.

— Tudo bem.

— O que você vai usar?

— Não sei ainda.

— Bom, você vai ter que ir bonita, porque vai estar todo mundo lá — disse Taylor. — Eu vou mais cedo pra sua casa, e a gente pode se arrumar juntas.

★ ★ ★

Desde o oitavo ano, Justin Ettelbrick dava uma grande festa de aniversário todo mês de julho, quando eu já estava em Cousins Beach, e minha casa, a escola e os amigos da escola estavam a milhões de quilômetros de distância. Eu nunca me importara de perder a festa, nem mesmo quando Taylor me contou da máquina de algodão-doce que os pais de Justin alugaram, ou dos fogos de artifício incríveis que eles soltavam acima do lago, à meia-noite.

Era o primeiro verão que eu estaria em casa para a festa de Justin, e era o primeiro verão que eu não iria para Cousins. E com isso eu me importava. Isso eu lamentava. Eu achava que passaria todos os verões da minha vida em Cousins. A casa de praia era o único lugar onde eu queria estar — era o único lugar onde eu queria estar na vida.

— Você vai mesmo, né? — perguntou Taylor.

— Sim. Eu disse que ia.

Ela franziu o nariz.

— Eu sei, mas... — Ela hesitou. — Ah, deixa pra lá.

Eu sabia que Taylor esperava que as coisas voltassem ao normal, que tudo fosse como antes. Mas as coisas jamais poderiam ser como antes. Eu nunca mais seria como antes.

Eu costumava acreditar; achava que, se quisesse muito alguma coisa, se desejasse o bastante, tudo aconteceria como deveria. Era o destino, como dizia Susannah. Eu pedia por Conrad em todos os aniversários, a cada estrela cadente, a cada cílio meu que caía. Toda moeda atirada em uma fonte era dedicada àquele a quem eu amava. Eu achava que sempre seria assim.

Taylor queria que eu esquecesse Conrad, que eu simplesmente o apagasse da minha vida e da memória. Ficava dizendo coisas como “todo mundo precisa superar o primeiro amor, é um rito de passagem”. Mas Conrad não era apenas meu primeiro amor. Ele não era um mero rito de passagem. Era muito mais que isso. Ele, Jeremiah e Susannah eram a minha família. Em minhas lembranças, os três estariam sempre interligados, conectados para sempre. Não poderia haver um sem os outros.

Se eu esquecesse Conrad, se o expulsasse do meu coração, fingisse que ele nunca havia existido, seria como se eu fizesse a mesma coisa com Susannah. E isso eu não podia fazer.